



Projeto Latino Americano

Os Trabalhadores e a ALCA

**Relatório do Segundo Seminário do Curso
de Formação Contínua**

**Transnationals Information Exchange
2002**

Publicado por: Transnationals Information Exchange

Texto:

Editor: Sergio Bertoni

Capa: TIE -Brasil

Impresso por:

O conteúdo dessas palestras foi desenvolvido durante as reuniões e debates ocorridos no Segundo Seminário a cerca da Área de Livre Comércio.

© 2002, Transnationals Information Exchange

Projeto Latino Americano

Os Trabalhadores e a ALCA

**Relatório do Segundo Seminário do Curso
de Formação Contínua**

(Bauru, 07 e 08 de março de 2003)

Este seminário e publicação somente foram
possíveis graças ao apoio de
P.S.O.

ÍNDICE

Apresentação	5
Seminário	
Primeiro Dia: Apresentação e Debates	7
Trabalho em Grupo	26
Segundo Dia: Filmagem de Simulação	33
Apresentação e Debate Vídeo 1	33
Apresentação e Debate Vídeo 1	36
Encerramento	
Avaliação	38
Anexos	
Lista de Participantes	43
Glossário	45

APRESENTAÇÃO

Este **“Relatório do Segundo Seminário”** é a compilação das palestras, discussões e trabalhos em grupo ocorridos durante o Segundo Seminário do Curso de Formação Contínua **“Os Trabalhadores e a ALCA”**, promovido e realizado por TIE-Brasil e FEM-CUT, nos marcos do Projeto Latinoamericano, realizado na cidade de Bauru, São Paulo, nos dias 07 e 08 de março de 2003.

Mesmo que nem todas as opiniões aqui publicadas **representem** necessariamente **a opinião** de TIE – Transnationals Information Exchange e FEM-CUT – Federação dos Sindicatos de Metalúrgicos da CUT, ajudam no cumprimento de objetivos maiores da parceria de TIE com os sindicatos brasileiros, ou seja, trocar informações e experiências entre trabalhadores de base, estudar estratégias empresariais e sindicais e criar alternativas de desenvolvimento que atendam aos interesses da classe trabalhadora.

Através deste registro esperamos estar contribuindo com o processo de democratização e o aprofundamento do debate sobre ALCA entre os trabalhadores e sindicalistas de base.

Acreditamos que este “Relatório...” e o Curso de Formação Contínua “Os Trabalhadores e a ALCA” só cumprirão seu papel se atingirem quantidade crescente de trabalhadores de base e sindicalistas das mais diversas regiões.

Portanto, não deixe este relatório mofando dentro de uma gaveta. Leia-o, divulgue-o, faça cópias, pois ele foi publicado para ser distribuído e debatido entre os trabalhadores. ☺

Gostaríamos aqui de deixar nossos sinceros agradecimentos às companheiras Paixão e Rosi, pelas anotações feitas durante o seminário, sem as quais este relatório não seria possível, e ao companheiro Adílson por registrar a memória deste seminário em vídeo.

TIE-Brasil

“OS TRABALHADORES E A ALCA”

O texto que se segue, contém a degravação dos debates e trabalhos realizados no referido seminário. As falas degravadas seguem ao lado do nome do participante. As palestras e debates estão divididos em sessões, de acordo com o dia de sua realização.

Ao final, consta o registro das atividades em grupos realizadas no segundo dia do seminário.

1o. DIA - Sexta 07.03.2003

Abertura

Sérgio Luis Bertoni e Mauricio Minolfi, de **TIE-Brasil**, deram início ao Seminário, saudando a todos os presentes e pedindo para os companheiros efetuarem, em forma de diálogo, um resgate do que foi discutido e debatido no encontro anterior em Sorocaba/SP.

Paulinho (Baurú) - Vem acontecendo uma discussão sobre a ALCA na região de Baurú. No ano passado, como todos lembram, realizamos um plebiscito que disse "Não à ALCA". Apesar disso, constatamos que as pessoas ainda não têm clareza sobre o assunto.

Já fizemos três debates na nossa região, onde conseguimos uma boa participação de pessoas. No dia 13/03, será realizado um debate sobre a ALCA na OAB com o objetivo de tirar algumas propostas. Temos que divulgar o máximo possível e fazer com que as pessoas saibam o que é a ALCA.

Jacaré (Pinda) - O PSTU está sempre batendo contra a ALCA. Estão nos questionando se somos ou não contra a ALCA. Na nossa região, este assunto vem sempre à tona porque o PSTU está sempre batendo: "Não à ALCA e fora FMI"

Sérgio (TIE-Brasil) - É uma visão muito simplista sobre a ALCA. O tema é mais complexo e exige muito cuidado no seu trato. Muitas vezes as pessoas são contra alguma coisa ou porque não têm propostas alternativas ou porque não entendem bem do assunto.

Jacaré (Pinda) - O PSTU é contra tudo e não tem proposta para nada. Não negocia. Está sempre batendo contra.

Edmilson (Araraquara) - Os Trabalhadores estão sempre perguntando qual é a nossa posição.

Cândido (Bauru) - Qual é a discussão que queremos fazer? O que em realidade estamos tentando fazer? Discutir uma proposta melhor ou queremos que não exista proposta?

Calazans (São Bernardo do Campo) - Posição da nossa base é: Não somos contra a ALCA. Somos contra os termos. Os critérios que os EUA querem impor à ALCA.

Sérgio (TIE-Brasil) - O que sempre observo em nossas discussões é que a gente se posiciona sem saber direito de que bicho estamos falando. O grande objetivo destes seminários é aprofundarmos o debate sobre o que é a ALCA. Entender como a coisa funciona, pois em nosso meio há muita confusão sobre a ALCA. Na CUT há confusão sobre o tema e na central sindical americana também.

Muitos norte-americanos acham que a ALCA significa simplesmente perda de emprego, mas é muito mais que isto. Na visão do governo norte-americano é ingerência na economia e políticas locais através de um acordo de livre comércio. Já para o governo Lula e o PT a discussão é muito maior do que a liberação de taxas e tarifas de importação para a criação de um livre mercado. Propõem uma integração regional que unifique os povos do continente social, político, econômico e culturalmente, respeitando as particularidades, especificidades e tradições de cada povo, de cada país. É fazer destes povos os protagonistas de sua própria história, gerindo seu próprio destino.

Fica difícil acreditar que queremos construir o socialismo, se estivermos com medo de tomar o poder, de gerir o que está próximo a nós. Também não podemos deixar de notar que por trás do discurso de alguns partidos políticos está a concepção de NÃO emancipação das massas. Não querem que os Trabalhadores pensem, se libertem e auto gestionem sua vida, seu país.

Mas voltando as vacas magras: sou contra discutir na ALCA simplesmente o livre comércio: temos que discutir salário, política, democracia, etc. É uma necessidade crescente estabelecermos autonomamente o que queremos para nós e para nossos companheiros.

Calazans (São Bernardo do Campo) - Temos que participar dos debates internacionais onde o assunto da ALCA é tratado, como no caso das reuniões da OMC e da ONU, entre outras. Isto é importante para que possamos ajudar nos entraves que surjam. A presença de Lula deve ser considerada positiva e importante nestes fóruns.

Paulinho (Baurú) - Temos que participar, mas é importante lembrar que, na maioria dos casos, tudo aquilo que vem dos países do primeiro mundo chega em forma de imposição. E isso não acontece só no caso do primeiro mundo. Aqui no Brasil também ocorre. Um exemplo claro é a reforma da CLT. Temos que discutir o que nós queremos e o que é bom para os brasileiros.

Sérgio (TIE-Brasil) - Qual foi a grande tática de todos os sindicatos cutistas em relação a estrutura sindical oficial? Nós éramos contra e estamos assim até hoje. Portanto, temos que participar dos debates sobre as reformas e ocupar espaços. Os empresários estão tentando ocupar esses espaços, mesmo com o governo democrático popular. Temos que fazer o mesmo e para isto nada melhor do que a organização da base.

João Jr. (São Carlos) - O grande problema que vejo é a diferença entre o econômico e o social. Informação que chega à população está desfocada.

Calazans (São Bernardo do Campo) - Em todo momento surgem brechas. Temos que estar atentos e colocar nossas propostas e ter presente que a negociação é importante

Paulão (São Bernardo do Campo) - Qual é a reação do povo mexicano com relação ao NAFTA? Temos que saber mais sobre isto para podermos fazer um parâmetro. O efeito seria o mesmo aqui com a ALCA. Temos que ver também qual o nosso poder de intervenção. Temos que ver o que vamos tirar de tudo isto e quem vai ser prejudicado.

Sérgio (TIE-Brasil) – Esta é uma discussão complicada. Fico com a impressão de que estamos entrando na discussão da Guerra Fiscal em termos continentais.

Para alguns mexicanos o NAFTA foi bom negócio, porque ganharam empregos. Para outros não, porque ficaram só na esperança. E mesmo aqueles que ganharam empregos começam a

perceber que não ganharam grande coisa, pois estão recebendo por mês aquilo que muitos trabalhadores nos Estados Unidos e Canadá ganhavam por dia ou por semana.

Se entrarmos no debate achando que os mexicanos ganharam algo com o NAFTA estaremos sendo contra a nossa própria luta aqui no Brasil, a luta contra a guerra fiscal. A guerra fiscal foi boa para uns poucos trabalhadores que ganharam empregos; mas e o restante? E os outros que ainda estão excluídos ou perderam seus empregos em consequência dela?

Temos que pensar em tudo isto, senão o discurso contra a guerra fiscal fica vazio. O objetivo da esquerda é governar o planeta e não ficar só na oposição. Fundamos partidos de esquerda para modificar o sistema. Para tanto, temos que elaborar nossas próprias propostas e lutar por elas. Hoje, por exemplo, uma das maiores lutas do movimento sindical espanhol é a criação de empregos com qualidade, carteira registrada, etc. Pode parecer pouco, mas não o é. Para que a transformação da sociedade seja possível é preciso que os trabalhadores estejam organizados e para se organizar é preciso ter trabalho e liberdade de organização, que se conquista na luta.

Paulão (São Bernardo do Campo) - Temos que convencer a massa. Proponho que a gente antecipe o debate, mas com discurso real. Mostrar as contradições entre as plantas industriais. Temos que ter argumento. Fazer contraponto.

Sérgio (TIE-Brasil) – Estão nos dizendo que a ALCA trará tecnologia, desenvolvimento da economia, novos empregos e preços baixos. Porém, podemos ver no artigo distribuído que: a) de 1994 a 2001, depois da abertura às importações, o Brasil só vem acumulando déficits no balanço comercial; b) não houve transferência tecnológica, ao contrário, a tecnologia está cada vez mais concentrada nos países industrialmente desenvolvidos. Por exemplo, a cada patente brasileira registrada se registram 110 patentes nos EUA. Enfim, avanço e desenvolvimento econômico não vem. Déficit significa que importamos mais e exportamos menos. E mesmo em 2002, quando tivemos um superávit no balanço de pagamentos ele se deu por conta da brutal desvalorização do real que deixou nossos produtos extremamente baratos lá fora e, para nós, encareceu demais os produtos importados.

Outra coisa que podemos observar é que o Brasil hoje é um grande exportador de aviões, celulares e automóveis, produtos

com maior valor agregado, com preços mais alto em dólar. Porém a aviônica (instrumentos de navegação e comando) dos aviões, os chips dos celulares e parte dos motores e eletrônica embarcada de nossos automóveis são importados. Ou seja, o que há mais avançado em tecnologia vem de fora. Isso significa que somos modernos montadores de produtos com valor agregado, mas não temos desenvolvimento tecnológico para produzir as peças e insumos essenciais para esses produtos. Enfim, não conseguimos fazer uma contra-argumentação a propaganda da direita usando os próprios argumentos dela. É preciso mostrar: depois da abertura, o Brasil só entrou no prejuízo.

Mauricio Minolfi (TIE-Brasil) - Se queremos criar um novo modelo de país, temos que ter gente que represente de verdade os setores. A esquerda quer que o LULA mude o país, quando na verdade ele tem que criar condições para que a classe trabalhadora se organize para mudar o país. FHC abraçou a idéia de mudança da CLT e muita gente do movimento sindical se abraçou a estrutura de Getúlio.

Calazans (São Bernardo do Campo) - O grande desafio para nós, enquanto movimento sindical, é ter base. Temos que ter organização da base.

Paulão (São Bernardo do Campo) - No que se refere à mudança da CLT, fomos apenas contra e mais nada. Teríamos que ter feito o que estamos fazendo hoje, ou seja, ter proposta para mudança.

Paulinho (Bauru) - Este modelo atual de sindicalismo não serve para nos organizar. Um dos maiores instrumentos que temos na nossa central é a formação. Porém, nossos sindicatos não investem porque os dirigentes têm medo de perder a cadeira. A maioria dos nossos sindicatos da articulação não investem em formação; não investem em dirigentes.

Calazans (São Bernardo do Campo) - A Convenção 87 da OIT fala claramente sobre liberdade e autonomia sindical. É uma arma para os sindicatos. Aquele que não tiver organização morre.

Sérgio (TIE-Brasil) – A terceirização mostrou claramente o lado perverso da CLT. Terceirizados não são representados pelo

sindicato que representa os trabalhadores da empresa que terceirizou. Grandes grupos econômicos têm terceirizado setores importantes de sua produção e, por conta disto, não há negociação entre esses grupos e os trabalhadores terceirizados. Liberdade e autonomia sindical vai acabar com este tipo de coisa, pois os trabalhadores terão liberdade para escolher quem os representará. Isto acabará com os sindicatos corporativos e também com aqueles que não tem organização. Sindicatos que são aparelhos tem que acabar. Porém, é preciso saber o que acontece em outros países para não repetir erros cometidos e também para conhecermos experiências novas.

O México é um exemplo de experiência negativa: lá os sindicatos são por fábricas e a negociação, obviamente, se dá entre a gerência de uma determinada planta e os sindicatos desta. Não há nem mesmo um sindicato que represente os trabalhadores de uma mesma corporação. Se fosse aqui no Brasil a coisa seria mais ou menos o seguinte: na VW de São Bernardo tem um sindicato, na Ford tem outro, na VW em São José dos Pinhais, um terceiro e na Ford da Bahia um quarto. Mas não teria um sindicato que representasse os trabalhadores da Ford São Bernardo e da Bahia e nem mesmo um único sindicato que representasse os

trabalhadores da Ford, Volks, Mercedes, Scania, etc., em São Bernardo do Campo.

Já a experiência que vem sendo desenvolvida no Chile parece ser interessante: sindicatos que representam trabalhadores de vários setores econômicos se unem para negociar com os grupos econômicos (holding) que controlam empresas nesses setores. Temos um exemplo negativo aqui mesmo no Brasil: três empresas (Dana, Chrysler, Tritec) localizadas em Campo Largo, na Grande Curitiba, fizeram um sindicato de empresa que “representa” somente os trabalhadores dessas fábricas e é contra o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos da Grande Curitiba, que é da Força Sindical.

Não podemos esquecer que nos últimos 25 anos (de 78 a 2002) - o que o movimento sindical conseguiu fazer foi levar o sindicato para a porta da fábrica. Hoje a tarefa é entrar na fábrica. E para tanto precisamos da liberdade e da autonomia sindical.

Agora, se estamos tendo dificuldades em discutir a estrutura sindical, o que esperar então sobre a discussão da ALCA?

Listas de Ofertas

Sérgio Luís Bertoni, do TIE-Brasil, fez uma exposição sobre o andamento das negociações sobre a ALCA:

Estabelecimento de períodos e regras:

2003 - apresentação de ofertas

2003/2004 - negociações concretas

A partir de 2005 - Instalação da ALCA

Regras:

Até 15/02/2003, todos os países que estão negociando a ALCA tinham que apresentar suas ofertas. Quais setores estavam dispostos a abrir seu mercado aos demais países? Divididos em indústria, investimentos, agricultura, serviços, tecnologia (propriedade intelectual) e compras governamentais (estabelecimento de regras para todas as licitações de compras dos governos, desde material de escritório até compras de aviões, etc.).

No caso das licitações de compras governamentais a idéia dos EUA é a seguinte: se um governo for comprar aviões, por exemplo, os países da ALCA que os produzem terão prioridade na licitação, o que estaria garantida através do tratado que regulamenta a criação da ALCA, que por sua vez, preveria a

existência de uma licitação padrão comum a todos os países. E a partir do momento que se tem uma licitação comum, as empresas poderiam eleger os fóruns onde protestariam o governo que não cumpriu com as regras da licitação.

As empresas americanas defendem esta tese, pois assim, poderiam abrir processos contra governos latino-americanos em fóruns dos Estados Unidos - coisa atualmente proibida pelas legislações locais e internacionais. Esta é uma proposta que não dá para ser engolida porque tira a soberania dos países e dos estados nacionais e seria uma forma autoritária de unificar a legislação no continente através dos acordos da ALCA.

Tem gente que defende que apenas um grupo de negociadores teria o direito de fechar determinados acordos e estes automaticamente passariam a valer para todos os países. Isto simplesmente significa suprimir os poderes legislativos de cada um dos países membros da ALCA, dando aos negociadores o poder de legisladores no continente, o que é muito diferente daquilo que acontece na União Européia. Lá existe o Parlamento Europeu que produz as leis gerais da União, enquanto os estados nacionais têm seus próprios parlamentos que legislam localmente, em nível nacional.

Defendemos que tudo que for discutido na ALCA tem que ser obrigatoriamente debatido com a Sociedade Civil e no Congresso Nacional e se não for ratificado, o governo não pode adotar. No Brasil, a legislação brasileira diz que todos os acordos internacionais têm que ser ratificados no Congresso Nacional.

No chamado período pré-negocial foram estabelecidas as regras do processo de negociação. De acordo com essas regras, os países que apresentam propostas de abertura de seu mercado em determinado setor, através da lista de ofertas, tem acesso à lista de ofertas de outros países para o mesmo setor. Por exemplo, se o Brasil não apresentar nenhuma proposta na área de agricultura, ele também não saberá quais são as propostas de outros países para este setor. Inicialmente o Mercosul defendia a idéia de apresentar as propostas em blocos, mas os EUA não aceitaram e acabou prevalecendo a regra de propostas individuais, por país.

Tecnologia e serviços foram as duas propostas feitas inicialmente pelos EUA. Os EUA abririam acesso a 48 seguimentos destes setores, quando o Brasil, por exemplo, hoje já tem acesso a 63 seguimentos. O Brasil atualmente não garante a mesma abertura de nosso mercado aos americanos. Portanto estamos falando de setores onde a liberalização ou abertura de acesso, como queiram, vai funcionar mais para os EUA do que o Brasil.

Em outros setores a coisa poderia beneficiar os produtores brasileiros já que tem alguns produtos que entram no Brasil com taxa média de 13% de impostos, enquanto que os produtos brasileiros do mesmo grupo entram nos EUA com 45%: idéia é igualar os patamares.

De acordo com informações extra-oficiais dos produtos apresentados pelo Brasil, os EUA tiraram fora: auto, aço, café e todos os produtos agrícolas, etc. Já o Mercosul decidiu que vai adiar a apresentação da lista de ofertas dos setores de serviços, tecnologia e compras governamentais, porque havia uma divergência entre seus membros. Brasil e Argentina têm interesse em manter fechadas as compras governamentais, já que têm serviços e indústrias relativamente desenvolvidos que podem estar fornecendo ao Estado com qualidade.

Já para o Paraguai tanto faz porque sua indústria e serviços são relativamente atrasados e eles já dão acesso às empresas do Mercosul às compras governamentais. Abrindo acesso à ALCA eles dariam oportunidade de acesso a empresas de outros países fora do Mercosul. Logo, o tema de compras governamentais é ainda uma negociação a ser feita dentro do próprio Mercosul para aparar as arestas existentes. O Mercosul deverá apresentar sua proposta em abril.

Depois de janeiro o governo começou a estudar com mais tranqüilidade as vantagens/desvantagens da liberalização. No artigo distribuído lemos que a ALCA é apenas uma das várias negociações que o Brasil tem pela frente, ou seja, não é a única e tampouco “A” Negociação. Defende-se que para garantir sua posição e soberania o Brasil e o Mercosul devem manter vários eixos de negociação: ALCA, União Européia, Bloco Asiático e alguns países em especial: Índia, China, Rússia, África do Sul, Peru.

Neste sentido o Mercosul apresentou no dia 15 de fevereiro propostas à ALCA e no dia 28 apresentou proposta para União Européia e está tentando antecipar as negociações com Índia, China e Peru. A Rússia ainda acha que o Brasil é uma República de Bananas e, portanto, não tem dado prioridade à negociação. A China está digerindo as dificuldades enfrentadas com sua entrada na OMC e com a subsequente liberalização mercado interno que se viu obrigada a fazer por conta das regras da OMC.

Pelo que sabemos no momento a proposta do Brasil feita à União Européia é extensa e de longo prazo, prevendo períodos de até dez anos para liberalização.

A informação corrente é que a lista de ofertas dos EUA à ALCA é a mesma apresentada nas negociações durante a chamada

Rodada do Uruguai. Como eles não conseguiram aprová-la no âmbito universal quando da fundação da OMC voltaram a carga no âmbito continental. Nos setores em que estão atrasados e/ou são subsidiados pelo Estado eles não querem fazer a liberalização. Querem, por exemplo, que o Brasil libere o mercado de chocolate, mas não querem liberalizar o Cacau nos EUA. Na verdade, eles pretendem entrar no Brasil para poder fabricar o chocolate aqui e controlar a produção de cacau. Agricultura em geral os EUA não querem abrir.

Mercosul:

Desde 1999 o Mercosul passa por uma crise porque o Brasil desvalorizou a moeda. Não foi uma medida unilateral como o governo de Menem fez que os argentinos acreditassem. O Governo brasileiro apresentou ao Argentino a proposta de uma desvalorização combinada do peso e do real, mantendo a equidade entre elas e favorecendo a relações comerciais no mercado comum.

Porém, Menem não quis aceitá-la e manteve a paridade do peso em relação ao dólar. Com a desvalorização do real todos os produtos brasileiros ficaram mais baratos no mercado internacional e começaram a vender mais na Argentina. Resumindo: a

desvalorização do real, a posição do Menen, o alto endividamento da Argentina em moeda forte (Dólares e Euros) e a manutenção da política econômica neoliberal por De la Rúa, entre outros fatores, afundaram a Argentina e o Mercosul.

A política adotada pelo Brasil desde então foi a de não se preocupar mais com a Argentina. Várias empresas argentinas fecharam suas fábricas em seu país e transferiram suas sedes para o Brasil.

Com o governo Lula esta política muda radicalmente. A proposta é de fortalecer o Mercosul. É claro que não temos condições para ajudar a Argentina financeiramente, mas temos condições políticas, ou seja, divididos somos fracos, juntos somos fortes.

Nestes últimos três meses a diplomacia brasileira jogou muito peso na negociação com o Mercosul, com um novo enfoque: integração tem que ser mais do que econômica, tem que ser mais política, social e cultural, indo mais além de um simples acordo comercial. A Argentina, por sua vez, propôs antecipar a unificação da moeda; o que facilitaria intercâmbio não só de produtos, bens e serviços, mas também de pessoas. O governo Lula fez proposta de criar o Parlamento do Mercosul: parlamento regional que se

encarregaria da legislação comum do Mercosul, a exemplo do que ocorre com o Parlamento Europeu.

Lista de ofertas:

A lista de ofertas com a relação de produtos em que o Brasil oferece acesso e exige acesso não estão disponíveis ao público, pois há uma regra estabelecida no período pré-negocial que garante a confidencialidade, proibindo os governos nacionais de divulgar este tipo de informação.

Contudo o Itamaraty enviou a TIE um documento com uma lista genérica de setores. A lista de ofertas propriamente dita ainda é confidencial. Os governos têm até 15/06 para fazer a análise das propostas.

Uma mudança importante no discurso oficial é que o governo começou a falar em consulta a sociedade civil e está tentando acabar com a confidencialidade nas negociações. FHC falava somente em consultas ao setor empresarial e defendia a confidencialidade como se fora um segredo de estado.

Outra mudança na relação do governo com a Sociedade Civil foi a visita do Ministro da Relações Exteriores, Celso Amorim, a CUT no 06 de fevereiro de 2003. Foi a primeira vez que um

Chanceler brasileiro visitou uma Central Sindical e, pelo que sabemos, havia apenas 6 sindicalistas presentes ao encontro. A CUT não divulgou.

Mudanças importantes que nos levam a crer que não seremos mais prejudicados, pois têm a ver com história do próprio PT: embate e negociação.

A proposta apresentada pelo Brasil tem 4 períodos para liberalização: até 2005, até 2010, até 2015 e depois de 2015. Os EUA fizeram a mesma coisa. Já a União Européia fez uma proposta gradativa em até 10 anos.

O Brasil defende a proteção à indústria nascente, conceito que engloba empresas de tecnologia, novos tipos de serviços e produtos. Os EUA dizem que é muito vago, que não dá para aceitar este tipo de proteção cega.

O Brasil também não quer discutir patentes (propriedade intelectual, tecnologia), pois estes temas ainda estão em debate na OMS, OMC e outros organismos internacionais. Há também claro interesse em se proteger a Indústria Química Fina, setor importante, mas relativamente pequeno no Brasil e que poderia se engolido pelas transnacionais norte-americanas.

Federico Vocos (TEL-Argentina) - A questão das patentes é outro ponto que devemos enfrentar, já que é uma área na qual as multinacionais estão mais do que interessadas. Na Argentina, por exemplo, o governo fez uma lei de remédios genéricos e passou a ser comum que os laboratórios pagassem para os médicos recomendarem a marca do medicamento.

Sérgio (TIE-Brasil) – Havia me esquecido de algumas coisas: a) conforme o cronograma da ALCA a liberalização começaria de fato em janeiro de 2006; b) a proposta dos EUA dá mais acesso a seu mercado aos países do Caribe e América Central do que para os países do Mercosul, c) os EUA não querem liberalizar açúcar, Cacau, Cítricos e amendoim; d) todos os especialistas consultados pelos meios de comunicação acham que a primeira oferta de todos os países é muito modesta. É só para abrir a negociação. e) em editorial recente a Gazeta Mercantil defendeu a criação do Amercosul (todos os países da América do Sul em um grande bloco) como premissa para participar das negociações da ALCA.

Zé Carlos: A Gazeta Mercantil reflete a opinião do meio empresarial. Eles estão querendo organizar o Mercosul para poder

facilitar as negociações a partir das suas propostas. A discussão que a gente via no Fórum Social é “Não à ALCA”. Temos que discutir e ampliar a discussão sobre o Mercosul e buscar parceiros individuais que são fortes, como é o caso, por exemplo, da Índia.

Mauricio Minolfi (TIE-Brasil) - A ALCA não pode ser vista apenas como uma questão econômica. É muito mais do que isso. Outra dado que também tem que ser levado em consideração, e que o próprio companheiro do Uruguai, Damian, que esteve com a gente em Sorocaba levantou, que o Brasil passa uma imagem de imperialista para o resto da América Latina.

Sérgio (TIE-Brasil) - Hoje o que está claro é a necessidade de construir uma integração política, econômica e social. Brasil e Argentina são os 2 países mais poderosos do Mercosul. As relações econômicas, políticas e sociais entre os dois são necessárias para o bom andamento do Mercosul e podem servir de exemplo para uma integração continental. Basta ter vontade política e muita organização de base.

Federico Vocos (TEL-Argentina) - A Petrobrás comprou parte de PeCom (Perez Companc Energia). A população Argentina

está preferindo colocar gasolina nos postos da Petrobrás do que nos de outras multinacionais. O raciocínio é que a mesma sendo uma multinacional, a Petrobrás é brasileira e, portanto, está no Mercosul.

Mauricio Minolfi (TIE-Brasil) - O Brasil é um país forte no Mercosul e pode engolir os outros comercialmente se a gente não fizer a discussão econômica subordinada à necessidade de construir uma integração dos povos. Não podemos esquecer que a prática até o início do governo Lula era o de fortalecer o Mercosul apenas por interesses comerciais.

Federico Vocos (TEL-Argentina) - Dentro da ideia de setor estratégico, a Argentina não tem mais nada. Por isso, para eles é melhor dividir seu capital com o capital brasileiro que é mais próximo e está no Mercosul.

Na parte da tarde

Exposição de Federico Vocos, de Taller de Estudios Laborales (TEL-Argentina)

O companheiro Federico Vocos, de Taller de Estudios Laborales (TEL-Argentina), fez, no início da tarde, uma ampla exposição sobre a ALCA.

- ALCA é um tema ausente no debate do movimento sindical Argentino devido a profunda crise sócio-econômica: 60% não ganham para comprar a cesta básica e 20% estão abaixo do nível de indigência (miséria absoluta);

- A situação social passa por um importante momento frente aos problemas da sociedade, que começou a se organizar, em assembléias, para resolver problemas pontuais;

- A crise da Argentina foi jogada. FMI começou a dizer que a Argentina não é modelo.

- O alinhamento unilateral dos EUA na década de 90 mostrou que isto não pode ser coisa boa: as pessoas depositaram seus dólares no banco e, quando veio a crise, os bancos pegaram o dinheiro; o dólar foi convertido em moeda nacional.

- Recentemente grupo ligado a Menen conseguiu fazer com que a Corte Suprema regularizasse parte do depósito, mas é político.

- A sociedade começou a se organizar, pois, anteriormente não havia movimento ordenado. Da mesma forma, o

movimento sindical começou a se organizar; desempregados também. Com o programa Fome Zero - trabalhadores estão recebendo um valor mínimo para comprar cesta básica. As assembléias começaram a se organizar.

- Hoje não há nenhuma força política que represente uma alternativa.

- Falar sobre ALCA é falar sobre reforma do empresariado.

- Não se discute a questão da saúde, da educação, etc.

- Não há uma resistência por parte do empresariado, não tem mais indústria nacional; são todas controladas pelo capital estrangeiro.

- Melhores exemplos é da AMBEV que comprou parte de Quilmes (cerveja Argentina).

- AMBEV comprou uma parte do capital acionário.

- Na discussão da ALCA, os EUA não aceitam negociar com a Argentina.

- Se eles deixassem com que nossa agricultura entrasse no país, seria uma maravilha.

- As importações dos EUA significaram pouco para a Argentina, assim como as exportações.

- As exportações norte americanas para Argentina representam 12% e as importações 18%.
- As exportações da Argentina para o Mercosul são três vezes maior do que para os EUA.
- A Argentina como parceiro dos EUA é vista como um parceiro menor até mesmo que o Chile.
- Quem se beneficiária com projeto de ALCA na Argentina são poucas pessoas: grandes latifundiários e alguns poucos empresários transnacionais.
- Quem sai prejudicado são as pequenas e medias empresas e menos prejudicados são os sindicatos.
- Sindicatos argentinos tem 3 correntes dentro da CGT e alem disto esta a CTA (Central dos Trabalhadores Argentinos) que é outra central sindical.
- A CGT é uma central burocrática, de negócios, sócia de várias empresas onde os fundos de pensões privados foram os que deram corda para todo processo neoliberalismo.
- Uma das correntes que compõem a CGT é um pouco mais progressista. Opõe-se a certas posições, mas ao mesmo tempo é burocrática e utiliza os Trabalhadores como massa de manobra do governo.

- A partir da década de 90, surge na Argentina a CTA e surge como oposição ao Menen.
 - A base da CTA é praticamente composta na sua maioria por servidores públicos e trabalhadores na educação.
 - Fora deste grupos, estão os desempregados ativistas.
 - Uma das mudanças é que a CTA coloca o eixo de atuação nos desempregados. Fazendo isto esquece o pessoal que está empregado.
 - Não tem política para este pessoal - que acaba indo para a central sindical pelega que, bem ou mau, tem proposta para a indústria.
 - O problema da CTA é que acaba agindo através da cúpula, esquecendo a base.
 - Agora está saindo a proposta de um movimento partidário que ninguém sabe ainda o que é.
 - Se ela não faz a discussão sindical, acaba perdendo força como uma central sindical.
 - Devido a esta posição, quando surge um problema, um conflito, acaba não tendo condições de resolvê-los porque faz discussão partidária e não sindical.
 - 2000/2001- houve reunião para discutir ALCA. Governo reprimiu - com bomba de gás e polícia.

Debate

Cândido: Na Argentina não existe a discussão sobre a ALCA que há no Brasil?

Federico: Com a vitória de Lula aqui no Brasil, dá a impressão que o governo Argentino era parceiro do PT, da esquerda, mas não era porque ele ajudou a implantar o processo neoliberal no meu país. Os partidos políticos argentinos estão pulverizados. A CTA quer criar um trabalho para reproduzir o trabalho da CUT e do PT na Argentina. Só que eles não enxergam o trabalho de base e, o pessoal das indústrias não participa.

Paulão (São Bernardo do Campo): A questão do dólar na Argentina. O governo Argentino vai ter que pagar a diferença. Isto não complica a situação?

Federico: Os bancos internacionais e todos os outros ganharam dinheiro na Argentina e agora estão falando que não tem como devolver. A propaganda foi a de dizer que por causa de serem bancos internacionais tinha a garantia de seus países.

Zé Carlos: Até que ponto a devolução da diferença não vai repercutir nas contas públicas?

Federico: O Estado tem que se responsabilizar pela devolução da diferença. Não importa de que forma vai fazer.

Mauricio Minolfi (TIE-Brasil): A Argentina parece que não tem um projeto nacional. Dá a impressão que é cada um por si.

Zé Carlos: Qual a plataforma política dos candidatos em relação a ALCA?

Federico: O Partido Justicialista (peronista) não realizou a sua convenção interna para não se dividir e, portanto, decidiu lançar três candidatos: Menen, que defende a re-dolarização, abertura maior ainda; um candidato apoiado pelo Duhalde (atual presidente), que defende um neoliberalismo mais suave, mais moderado e o governador da província de Santa Cruz. O Partido Radical (a União Cívica Radical - UCR- do Alfonsín) lançou dois candidatos: uma mulher, que defende um capitalismo com normas, transparente, etc., e outro candidato, que é um ultraliberal

ortodoxo. A esquerda está também lançando um candidato. Cada um desses candidatos tem em média 15% dos votos. Pela legislação eleitoral argentina ganha quem tem o maior número de votos.

Calazans (São Bernardo do Campo): A nossa preocupação é que precisamos internacionalizar a luta da ALCA. O que eu entendi é que os grupos na Argentina não estão discutindo e fazendo o debate. É isto mesmo?

Federico: Primeiro existe toda uma contestação dos próprios Trabalhadores no sentido de que a ALCA não é bem discutida, ou seja, o tema não é colocado com a importância que ele deveria ter no caso do meu país. Concordo com a internacionalização do debate sobre a ALCA e proponho que até o fim do seminário façamos um documento em repúdio à atitude da Telefônica da Argentina que está demitindo os estagiários. Fazem convênio com as universidades e contratam os estagiários sem pagar férias, 13o, etc.

Sérgio (TIE-Brasil): O que me preocupa é que os companheiros da Argentina não estão associando a crise da

Argentina com a discussão da ALCA. O movimento sindical argentino não consegue enxergar a relação da crise com a ALCA. Percebe-se que nesta discussão o movimento sindical brasileiro está meio isolado.

Trabalho em Grupo

Em seguida, foi realizado o Trabalho em Grupo, que se concentrou em cima das seguintes questões:

1) Que tipo de integração/internacional regional se faz necessária? E para que?

2) O que precisa ser feito no chão de fábrica para aumentar a influência e o poder dos trabalhadores em um contexto de ALCA? Qual é o papel do Sindicato?

3) O que precisaria mudar na legislação sindical e trabalhista para aumentar o poder de barganha dos trabalhadores em um contexto de ALCA?

Apresentação dos Grupos

Grupo 1: Nilton, Jacaré (Pinda), Edmilson e Laércio

Queremos uma integração que realmente atenda os anseios dos trabalhadores. Troca de informações, intercâmbio e integração com mercados externos. Para o combate ao protecionismo americano e suas imposições. Integração necessária para que o país possa crescer (geração de empregos)

Conscientização política sobre o contexto ALCA, iniciando os prós e contra: Sindicatos - organizar debates com os trabalhadores e sociedade: divulgar com material gráfico e se possível na mídia diálogo com o governo para divulgação na mídia e informar, formar e formalizar sobre ALCA

Ratificar a Convenção 87 da OIT: Liberdade e Autonomia Sindical / Reconhecimento pelo governo federal da nossa Central - CUT / Criar fóruns trabalhistas sobre o assunto, para melhor participação dos Trabalhadores

Grupo 2: Roberval, João Júnior, Gerinário e José Carlos

Devemos consolidar e ampliar o Mercosul, visando não somente os interesses comerciais, mas também políticos e sociais e respeitando as diferenças culturais, para fortalecer os países da América do Sul frente aos E.U.A

Conscientizar os trabalhadores dos impactos negativos que ocorrerão em suas vidas em todos aspectos; o sindicato deve massificar o debate sobre a ALCA em todos os fóruns que participar.

Ratificação da Convenção da OIT, que regulamenta a liberdade e autonomia sindical; fortalecendo a integração entre os Trabalhadores.

Grupo 3: Paulão, Ronaldo, João e Paulinho

Buscar uma integração, onde se intensifiquem os acordos bilaterais, que não visem apenas as transações comerciais, mas que se busque também uma integração com os povos dos países envolvidos política e culturalmente e também fortalecer os países do PIB maior, mas não esquecer dos países menores (PIB) para entrar fortalecido na ALCA.

Qualificar os dirigentes para que levem o debate para os trabalhadores;

Que os participantes deste seminário façam a lição de casa e alimentam a FEM com dados para aprofundamento no seminário seguinte fazendo com que a discussão chegue a todos.

Papel do Sindicato: 1. Mostrar para os Trabalhadores os efeitos que a ALCA trará para suas condições de trabalho/saúde/lazer. 2. Promover debates/palestras sobre o tema. 3. É necessária uma legislação que dê conta de Direito a Liberdade e a Autonomia para todos os trabalhadores dos países envolvidos na ALCA. De forma a se organizarem com a mesma liberdade que os países terão para negociar.

Grupo 4: Fernando, José, Calazans, Cândido

Integração respeitosa e democrática com todos os sujeitos e agentes envolvidos interessados desde o setor produtivo até o movimento sindical, onde as decisões não poderão ser tomadas apenas no âmbito do governo. Ampliar sua presença internacionalmente e desempenhar o papel mais ativo internamente.

OIT: Informar, formar e organizar os Trabalhadores. 1. Para isso é necessário um dirigente qualificado com conhecimento de causa e efeito no tema da ALCA. 2. Exigindo que os sindicatos sejam um agente formados e organizados para uma luta. É estabelecer critérios para uma integração ou não a ALCA

Convenção 87 da OIT (Liberdade e Autonomia Sindical) deve ser ratificada: 1. Não ao assistencialismo. 2. Livre sindicalização. 3. Direito de greve para todos. 3. Liberdade para todos os Trabalhadores se organizarem. 4. Não ao sindicato regional e sim ao nacional.

Debate:

Zé Carlos: No caso das duas últimas perguntas, todos os grupos responderam na mesma linha. Isso significa que temos algum entendimento em relação a ALCA. A primeira pergunta também está na mesma linha: integração com respeito.

Cândido: Como formar o pessoal, se em cada seminário vem pessoas diferentes? Temos que tirar um grupo coeso para dar continuidade.

Zé Carlos: Temos que resgatar a discussão da diretoria da FEM. O que foi discutido é a formação de um grupo fixo de companheiras e companheiros para participar dos Seminários. Por isso, cada sindicato teria um representante fixo e os seminários

seriam realizados em várias regiões do estado para contemplar e envolver todo mundo.

Paixão: Temos que resgatar a idéia do grupo fixo. A idéia dos seminários é a de que o pessoal fixo se capacite no sentido de vir reproduzir esse conhecimento em suas próprias regiões.

Calazans: A resposta da segunda pergunta é unânime. Com a questão da ALCA, percebemos o quanto temos que correr atrás do prejuízo. Hoje nossos dirigentes têm que se profissionalizar sindicalmente. Temos que levar para nossos sindicatos a necessidade de reservarmos uma verba para a formação de nossos dirigentes. Temos que disponibilizar verba/sustentação para nosso companheiros dos Sindicatos estarem liberados para discutir a ALCA.

Sérgio (TIE-Brasil) - Precisamos resgatar a definição tirada no seminário de junho/2002 sobre a realização de um curso de formação contínua. Também decidimos não centralizar as atividades em uma região só e de ampliar o grupo de participantes para 20 pessoas. Temos que lembrar que a tarefa de casa quem deve fazer é o pessoal fixo. É da maior importância que possamos

fazer um bate papo com nossos companheiros na fábrica, no sindicato, sobre o assunto debatido no seminário.

Cândido: Quando falei, não foi para questionar a linha de conduta da Federação.

Mauricio Minolfi (TIE-Brasil): No Seminário anterior, em Sorocaba, foi levantada a necessidade de criar um processo de multiplicação de toda esta nossa discussão. Com isto, o que procuramos, todos nós, é multiplicar, até o infinito se for possível, todo este conhecimento que estamos produzindo nos nossos seminários. Só que precisamos fazer isso de forma certa. Através de reuniões no Sindicato, nas Comissões de Fábrica, nas CIPA´s, nos bairros, nas igrejas e em todos os lugares onde possamos fazê-lo. Mas o que também precisamos é que isso seja documentado, através de um relatório e umas três fotos, no mínimo (do palestrante, da plenária e de todo mundo junto reunido). Só que até agora, lamentavelmente, estamos encontrando dificuldade para que isto ocorra. Se esse processo multiplicador não ocorrer e não formos capazes de documentá-lo os nossos seminários não tem sentido de existir. Por isso, pedimos aos companheiros para que reproduzam o trabalho nas suas bases, ou seja, que botem em

prática o trabalho militante que sempre nos caracterizou. Mandamos o relatório do seminário de julho/2002 para todos os sindicatos através da internet, ou seja, por e-mail.

Paulão (São Bernardo do Campo) - Com relação à questão da multiplicação, estou entendendo que ao final do módulo eu vou começar a reproduzir. Na questão da lição de casa não podemos falhar mais. Temos que atualizar as informações sobre a ALCA. Por isso, os relatórios têm que chegar o mais rápido porque se corre o risco de ter informação morta. Com relação a formação, o dirigente sindical tem que ter um contrato. Não pode dizer que vem e não vem.

Zé Carlos: Estamos fazendo o debate no sindicato e através do boletim.

Calazans (São Bernardo do Campo): Defendo que temos que entrar no nosso sindicato e marcar espaço para discutir a ALCA.

Federico (TEL-Argentina): Estava vendo a resposta dos grupos e observei que houve coincidência na necessidade de se

construir uma integração. Hoje se defende muito o Mercosul por conta da ALCA. Até que ponto o Mercosul beneficiou alguém e se isso ocorreu, quem foi? Muitas vezes as empresa se valeram das questões de um país sobre o outro e que por causa disso muitas vezes se justificaram demissões de Trabalhadores.

Calazans (São Bernardo do Campo): O Mercosul aglutina força para poder negociar. Toda questão é levar a partir da base para obter informação. Mercosul é América Latina buscando suas forças para poder negociar e depois dividir os resultados.

Zé Carlos: Estamos colocando que queremos uma integração sim, mas não que vise só as questões econômicas; também as sociais. Não somos a força, mas podemos estar melhorando alguma coisa na mesa de negociação.

Calazans (São Bernardo do Campo): No momento, o importante é consolidar a discussão no Mercosul, sob o aspecto ideológico.

Federico (TEL-Argentina): Há uma luta dupla: discute-se ALCA e Mercosul. Fica uma coisa confusa. É necessário fazer a

discussão da ALCA e do Mercosul de uma maneira diferente que existiu até agora. Temos que discutir se o Mercosul beneficiou a classe trabalhadora. Li alguns documentos de algumas centrais falando bem do Mercosul. Acho que a discussão tem que ser processada de forma diferente.

Paulão (São Bernardo do Campo): Abominamos o Mercosul num primeiro momento. Nesta discussão cada governo está preocupado com o seu. Não esta havendo integração, unificação.

Mauricio Minolfi (TIE-Brasil): Criticávamos o Mercosul e agora a ALCA. Somos a favor da integração dos povos, mas não do tipo de integração que querem nos fazer engolir.

Calazans (São Bernardo do Campo): Na ALCA, só se discute a questão comercial, enquanto que no Mercosul abordam as questões econômicas, culturais e políticas. Por isto, é importante discutirmos no Mercosul.

Sérgio (TIE-Brasil): O Mercosul é uma questão política, social, etc. As Indústrias automobilísticas eram as que estavam discutindo o Mercosul, já que o enfoque era estritamente

comercial. Batemos no Mercosul porque o governo fez um acordo e as decisões não poderiam ser tomadas somente no âmbito do governo. O Mercosul só atendia o interesse das grandes indústrias automobilísticas. O movimento sindical começou a participar depois da assinatura do acordo e mesmo assim houve muita resistência por parte do governo.

O debate do Mercosul que estamos propondo não é sobre a questão comercial; é a de complementação para desenvolvimento. É uma nova redefinição de Nação: Nação Latino-americana, onde os povos estejam integrados. Vai além do comércio.

Não podemos deixar de levantar um problema existente dentro da CUT: há companheiros que dizem não à ALCA e sim à União Européia. A União Européia está propondo um acordo de livre comércio com o Mercosul, nada mais. Há companheiros na CUT que defendem um acordo com a União Européia por entender que a Europa é mais organizada. Não estamos defendendo o livre comércio. O que queremos é uma integração que esteja voltada para as necessidades da população. Tudo o que queremos fazer é um processo que leva anos. A ALCA vai ser negociada ainda este ano: Como dar conta do que foi levantado aqui e participar das negociações?

A União Européia surgiu depois da guerra para evitar, entre outras coisas, novos conflitos entre França e Alemanha.

No Mercosul, a mudança de concepção se dá com a mudança de governo aqui no Brasil. Não podemos esquecer que o Mercosul vem junto com a reestruturação industrial, que estava acontecendo no Brasil e na Argentina.

2o. DIA - Sábado 08.03.2003

Simulação e Filmagem

Sérgio Luis Bertoni, de TIE-Brasil, propôs que a simulação fosse um debate entre Trabalhadores e dirigentes sindicais. Duas simulações foram propostas: Na primeira os sindicalistas fariam contra a ALCA, na segunda a favor. O papel dos Trabalhadores era questionar a posição dos sindicalistas para suscitar o debate. Dirigentes sindicais e Trabalhadores tiveram meia hora para elaborar a argumentação e as perguntas, após o qual ocorreram as

duas simulações, que foram acompanhadas por todos os presentes com grande interesse.

Apresentação da simulação e debate

Debate sobre a simulação do vídeo no. 1: falar em favor da ALCA - O companheiro João Jr., da oposição metalúrgica de São Carlos, falou em favor da ALCA, tentando convencer um grupo de 5 companheiros.

Paulão: A bancada dos Trabalhadores se limitou a perguntar. O companheiro falava da soberania, mas insisti em jogar a responsabilidade para todo mundo.

Cândido: O intuito principal era defender a inclusão do Brasil na ALCA. Nas perguntas e respostas houve muita maleabilidade. Não houve resistência ferrenha sobre a inclusão na ALCA.

Milton: A defesa sobre a ALCA na verdade não convenceu. Pediu-se mais colaboração. A discussão foi muito prática e objetiva, mas, não convenceu.

Zé Carlos: Por parte dos Trabalhadores, não houve questionamento pelo fato de não ter convencido. Não questionaram a inclusão.

Cândido: O tema era bastante tenso e não foi possível concluir o debate. Intenção era aos poucos espremer os companheiros, mas não conseguimos.

Edmilson: Fica difícil fazer a defesa da ALCA, pensando no argumento que teremos para responder aos questionamentos.

Zé Carlos: A proposta dos EUA é explorar, mas nós, enquanto Trabalhadores, temos que buscar propostas para se contrapor. O companheiro foi convincente.

João Jr: Tentei deixar bem claro que estava falando de união. Se não tiver união e comunicação entre as partes, a coisa não caminha.

Ronaldo: O debate foi bom. Parece-me que a idéia era mostrar que ainda não se tem uma proposta e o objetivo é construir em conjunto.

Cândido: Se a gente não se prepara para o debate, ficamos colocando a culpa no Paulinho (Força Sindical) e no PSTU.

Paulinho: O PSTU tem uma organização em Bauru. O Sindicato dos Bancários e os Funcionários Públicos. Onde a articulação não tem presença, eles ocupam. As perguntas e respostas foram trabalhadas de uma forma bem formal, não havendo dinamismo.

Zé Carlos: A discussão da ALCA na fábrica é do tipo de: "O que é a ALCA? Isso serve para comer?".

Paixão: A bancada dos Trabalhadores estavam submissos no debate. Os Trabalhadores faziam a pergunta e o dirigente respondia o que queria. Reflete um pouco a situação dos Trabalhadores no chão-de-fábrica e de que forma estamos passando esta mensagem para os mesmos.

Sérgio (TIE-Brasil) - Dos 24 minutos de duração da fita, há 18 minutos de fala do sindicalista. Não houve diálogo. Os Trabalhadores estavam todos constrangidos. Muito difícil defender uma coisa que você não acredita. Para convencer tem que ter segurança. E segurança não é só falar, falar, sem parar, mas é também saber ouvir para poder contra-argumentar. A gente nunca observa a movimentação do corpo quando estamos falando com alguém. Não se olha no olho. Por vezes usamos um argumento maravilhoso, mas quando fazemos um determinado gesto, este acaba nos denunciando e terminamos afastando a pessoa.

Calazans: Não fazemos a separação entre Nação e Governo. Temos que focar o governo Bush. EUA é uma nação. Quando focamos no governo Bush, ele enfraquece. Tem que estar bem claro para os Trabalhadores no chão-de-fábrica que é o governo Bush que está impondo condições no acordo da ALCA e não os EUA que é uma nação que tem Trabalhadores. Na discussão da ALCA, em vez de usarmos a palavra Trabalhador temos que colocar o povo brasileiro. Quando colocamos desta forma, ganhamos mais poder na nossa fala.

Sérgio (TIE-Brasil) - A observação do Calazans é importante. O governo Bush representa uma parte dos EUA e quando se fala EUA você acaba envolvendo todo mundo. Fazendo esta separação entre povo e seu governo, podemos passar para os Trabalhadores a idéia de que existem aliados em potencial dentro dos EUA, que estão contra a negociação da ALCA, e que podem nos ajudar a diminuir o poder do governo Bush. Nossa postura representa o que estamos achando na negociação.

Cândido: A situação aqui, com uma câmera, é que empurra para um constrangimento, mas no dia-a-dia sabemos que não é assim.

Federico (TEL-Argentina): O dirigente sindical já sabia o que ia acontecer e por isso jogou um monte de idéias para gerar a dúvida. Isso tem a ver com o seminário no qual se falou tanto contra a ALCA que ficou difícil falar a favor.

Calazans: O líder sindical deve ir à fábrica com o objetivo de informar, formar e tentar organizar o máximo possível.

Sérgio (TIE-Brasil): Houve dois momentos: um, a questão dos dados técnicos e outro, a questão da negociação em si. Negociação é troca. Se der um argumento e se recebe outro. Antes de tudo, é um trabalho de informação. Temos que ter dados técnicos, mas temos que ter cuidado e saber distinguir quando se precisam dos dados técnicos e dos dados políticos. Precisamos ser mais objetivos nas nossas falas. Cinco, seis minutos de uma fala sem interrupção é muita coisa.

Debate sobre a simulação do vídeo no. 2

Após ver a filmagem, foi aberta a palavra para que fossem feitas as observações:

Paulinho - Responderam muito bem, mas os Trabalhadores ficaram muito tímidos.

Paulo - O negociador se saiu bem respondendo as perguntas e definiu bem os sindicalistas que são a favor da ALCA. Frisou muito bem a questão do desemprego.

Zé Carlos - O que houve é que as pessoas que tinham que convencer não conseguiram o seu propósito.

Calazans - O sindicalista falou pausadamente sobre o Acordo de Livre Comércio e deu para verificar em toda a fala que ele reflete bem esta questão. A sua fala foi perfeita.

Edmilson - Do lado de fora da simulação, você consegue observar melhor o que as pessoas falam. E isso é bom para corrigirmos nossas falhas.

Calazans - Temos falado muito sobre emprego formal e informal. Temos que fazer a associação entre ALCA e precarização das condições laborais. Só que para isso precisamos investir na organização de base.

Sérgio (TIE-Brasil) - É sempre mais fácil falarmos do que temos, pois o sindicalista estava todo à vontade. Sindicalista entrou na discussão do outro quando falaram do camelô, e isso mostra a falta de objetividade que temos. Quando se bateu contra, foi contra

essa “Alca que está aí...” Vimos que muitos dos argumentos utilizados foram incorporados dos meios de comunicação.

Edmilson - ALCA é um tema novo e o pouco de informação que temos vem dos jornais e televisão.

Zé Carlos - Hoje aumentou a nossa responsabilidade, pois sindicalistas da CUT tem momentos que tem que medir até onde vai nossa militância partidária e nosso trabalho como sindicalista, pois agora somos governo.

Paulão: Quando houver uma proposta pronta, poderemos saber qual será a fatia destinada ao Brasil e aí sim poderemos intervir.

Zé Carlos: Estamos fomentando a discussão para apresentar as propostas dos Trabalhadores.

Calazans: Ganhamos o governo, mas a população ainda não assimilou o projeto democrático e popular defendido. Temos muita coisa a fazer pela frente.

Sérgio (TIE-Brasil) – Só uma observação: ganhamos o governo, mas não ganhamos o poder porque não detemos o poder econômico. Temos pessoas nossas em empresas estatais (caso Petrobrás), porém ainda não temos o controle/poder.

Avaliação

Zé Carlos: A impressão é que as pessoas estão assimilando a discussão. As perguntas não tem muita discrepância. Conhecer técnicas de negociação é muito importante porque nós, dirigentes sindicais, estamos negociando todos os dias.

Paulão: Verifiquei que os outros seminários foram mais ricos em relação aos temas, aos palestrantes. O coordenador não prestava atenção ao que o orador falava. Quando alguém tiver falando com a mesa, esta tem que prestar atenção. Com relação ao grupo parece que teve um avanço. As pessoas estão assimilando.

Calazans: Em nome de todos os homens quero parabenizar as companheiras pelo Dia Internacional da Mulher e dizer que o papel delas tem sido fundamental nos trabalhos. Estou tentando me disciplinar para ler todo o material antes de vir para os encontros. Numa democracia, todos tem liberdade para falar. Temos que ser mais dinâmicos.

Edmilson: Participei de 1 seminário até agora. Uma coisa que achei boa foram as técnicas de negociação, nossa postura ao falar, etc.

Cândido: Esperamos que todos tenham aproveitado o máximo possível. Como ponto de partida, foi bastante satisfatório e temos a esperança de poder estar participando dos próximos seminários.

Ronaldo: Deste primeiro seminário do qual participo, estou saindo bastante satisfeito.

João Jr. Estou saindo bastante satisfeito. Dinâmica do grupo ajuda a gente a se aprimorar. Como primeiro seminário foi de extrema importância.

Federico (TEL-Argentina) : Agradeço a todos vocês e ao TIE por poder participar deste evento. O bom é poder participar da discussão que certamente a própria Argentina começará a efetuar num futuro próximo. É uma questão que, embora seja muito importante, ainda não é conhecida por todo mundo (não só no movimento como na sociedade). Uma das coisa que vejo como positiva são os próprios curso de formação que propicia o acúmulo de conhecimento para o próprio movimento ter sua propostas. Um dos problemas dos movimentos é que eles vão atrás de conflitos pontuais e não sobra tempo para fazer trabalho de formação. O nosso desafio é o de levar esta discussão para os companheiros na base.

Paixão: Quero ressaltar o que o Paulão falou sobre a importância dos sindicalistas estarem participando, já que apenas 2 dirigentes estão presentes desde o início. A gente percebe destes nossos três seminários, que o público fixo está diminuindo. No geral, os seminários estão contribuindo; está sendo um processo rico e muito importante . Parabenizo o TIE e a todos nós. Temos que fazer essa discussão no chão-de-fábrica.

Edmilson: Meu problema é que os sindicato tem que me liberar.

Mauricio Minolfi (TIE-Brasil) - Concordo com o que a Paixão falou. A medida que vai acontecendo o Curso de Formação Contínua com os seus seis seminários percebo que estamos conseguindo construir um entrosamento. O jeito que é feita a discussão é que positivo: não se impõe nada e os próprios participantes terminam ditando o desenrolar do seminário e também se apropriando do produzido durante o mesmo. Acho que todo seminário deveria ser deste jeito e não vir um cara lá na frente e ficar falando. Muito boa é a iniciativa da FEM de fazer seminários por região.

Sérgio (TIE-Brasil) - A metodologia inicial foi trabalhada para um grupo de 10 a 12 pessoas. Por isso é que parece que não tem dinâmica. Quando aumentamos o número de participantes, nós tivemos que adaptar a metodologia para que outros participassem. Neste novo enfoque deveria haver um grupo fixo de participantes e um rotativo com a maioria de participantes da região onde se realiza o seminário. E o que vemos aqui hoje: o grupo da região está e o grupo fixo não está. Temos que resolver

isto, senão não conseguiremos alcançar o nosso objetivo que é o de levar a discussão para a base. Outra coisa é a tarefa de casa que não veio.

A tarefa de casa é importante. É levar a discussão para a base e trazê-la de volta. A idéia básica do curso é o método Paulo Freire: partir do nosso próprio conhecimento e de nossa realidade. Nossa função é, enquanto organizadores do seminário, criar espaço para que vocês façam a discussão. A idéia é formar uma massa crítica e não ter alguém aqui falando das coisas. Outra coisa é passarmos o relatório para que as discussões não esfriem. A questão do compromisso é muito importante. No nosso meio acontece uma coisa interessante. Quando a empresa convoca, o trabalhador (e até mesmo o dirigente sindical) desmarca tudo para atender ao chamado, mas quando o sindicato o libera para participar de um evento ele não vai porque tem algum problema particular a resolver. Será que ele só tem problemas particulares a resolver na época do seminário?

Temos que assumir um compromisso com estes seminários.

Datas do próximos seminários para o pessoal fixo

Abril: 11 e 12 - região ABC

Julho: 4 e 5 - Taubaté

Agosto: 22 e 23 - ABC

Outubro: 24 e 25 - Sorocaba

Cada dirigente das regiões levará este calendário para discutir com a sua Diretoria.

É importante criarmos um sistema de troca de e-mails para podermos passar todas as informações que obtemos sobre a ALCA no nosso cotidiano.

Tarefas de Casa

1) Reapresentação das tarefas de casa anterior:

a) Que tipo de integração se faz necessária e para que?

b) O que precisaria ser feito no chão de fábrica para aumentar a influência e poder dos trabalhadores em um contexto de ALCA? Qual é o papel do Sindicato?

c) O que precisaria mudar na legislação trabalhista e sindical para aumentar o poder de barganha dos trabalhadores em um contexto de ALCA?

d) Levantar o que os nossos companheiros de trabalho sabem ou pensam sobre a ALCA

e) Como viabilizar projetos de desenvolvimento nacional e regional num contexto de ALCA

e.1) aprovada

e.2) em discussão

f) Como ficaria a reforma sindical e trabalhista em um contexto de ALCA

f.1) aprovada

f.2) em discussão

2) Ler o artigo "A Integração Continental Assimétrica e Acelerada: Riscos e Oportunidades da ALCA" - para debatermos no próximo seminário.

Este artigo contém uma série de informações técnicas que nos ajudarão a fortalecer os nossos argumentos.

3) Trocar informações entre os nossos participantes.

4) Promover debates e reuniões sobre ALCA: tirar fotos e passar lista de presença (TIE enviará modelo por e-mail)

Participantes

Nome	Fábrica / Organização	Idade	Grau de Instrução
Ronaldo L. de Oliveira	Volkswagen / São Carlos	30	2º Grau
João de Camargo	Volkswagen / São Carlos	27	2º Grau
Nilton Alves da Silva	Baterias Ajax	40	2º Grau Incompleto
Paulo A.S.Cayres	Ford / Metalúrgicos do ABC	38	3º Grau Incompleto
Laércio Teodoro	Metal	44	2º Grau Incompleto

José F. Solvino	Pacetta	37	1º Grau
Cândido Rocha	Cainco / Metalúrgicos de Baurú	44	1º Grau
Paulo Vieira Lima	Baterias Ajax / Metalúrgicos de Baurú	36	2º Grau Incompleto
Roberval Pifer Vieira	Cainco / Metalúrgicos de Baurú	34	2º Grau
José Jacinto R. Filho	Metalúrgicos de Pindamonhangaba	45	3º Grau Incompleto
Luiz Fernando de Assis	Polzer System / Metalúrgicos de Taubaté	31	1º Grau Incompleto
Edmilson V. Lima	GM	50	2º Grau
Gerimario D. Cavalcante	FMC do Brasil / Metalúrgicos de Araraquara	42	1º Grau
Daniel B. Calazans	Scânia / Metalúrgicos do ABC	37	3º Grau
João Aparecido Silva	FMC do Brasil / Metalúrgicos de Araraquara	52	1º Grau
Rosangela	FEM-CUT	38	3º Grau

A.L.Ramos			
Federico Vocos	TEL-Argentina	30	3º Grau
Maria da Paixão	FEM-CUT	39	3º Grau
José Carlos da Silva	FEM-CUT	43	2º Grau
Mauricio René Minolfi	TIE-Brasil	47	3º Grau
Sérgio Luis Bertoni	TIE-Brasil	36	Pós-graduação

GLOSSÁRIO

NAFTA – North American Free Trade Agreement (Tratado de Livre

Comércio das Américas)

ALCA – Área de Livre Comércio das Américas

EUA – Estados Unidos da América

FHC – Fernando Henrique Cardoso

CUT – Central Única dos Trabalhadores

PT – Partido dos Trabalhadores

OMS – Organização Mundial da Saúde

OMC – Organização Mundial do Comércio

AmBev – Companhia de Bebidas das Américas

CGT – Central Geral dos Trabalhadores

CTA – Central dos Trabalhadores Argentinos

OIT – Organização Internacional do Trabalho

FEM-CUT – Federação dos Metalúrgicos

CIPA - Comissão Interna de Prevenção de Acidentes

TEL-Argentina – Taller de Estudios Laborales

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado